

6.

Conclusão

Como apresentado no início da tese, nosso objetivo era de contribuir com a atual reflexão acerca da pastoral cristã na América Latina a partir do pensamento de Orlando Costas. Sua reflexão se insere dentro do marco da Teologia da Missão Integral e, portanto, sua teologia é evangelizadora. Neste âmbito propõe uma pastoral que se dá por intermédio de um serviço evangelizador que se processa como uma ação radicalmente libertadora e contextual.

Ao concluirmos este estudo acreditamos que nosso objetivo foi atingido. No entanto, este não se coloca como um fim, mas como sinalização de uma rota, uma alternativa para pensarmos a práxis evangelizadora na América Latina.

Como seres de linguagem, estamos sempre percorrendo um caminho em direção à compreensão da realidade, e nele percebemos a caducidade de nossas reflexões e o aspecto provisório de qualquer produção teológica.

Assim, não foi nosso propósito haurir toda a teologia pastoral de Orlando Costas, mas estudar e criticar sua reflexão no que tange à teologia da evangelização. Esta, por seu caráter contextual, se realiza a partir de uma matriz sócio-histórica e cultural específica, o que não a torna exclusiva. A sua universalidade está na percepção de uma experiência de fé capaz de reorientar a vida humana e estabelecer o projeto de reino de Deus como realidade viável a todo o mundo.

É importante ressaltar que fizemos a opção de não particularizar a pesquisa em torno de uma estratégia de ação orientada por um serviço evangelizador contextual, mas reconhecemos a importância desta abordagem e a expectativa de que ela seja fruto de futuras pesquisas.

Diante disso, retomamos nesta conclusão de forma resumida o itinerário de desenvolvimento a fim de evidenciar alguns aspectos importantes, com algumas observações críticas e pistas para um avanço na reflexão sobre esta temática.

Iniciamos esta tese sinalizando que a consciência da necessidade de uma práxis evangelizadora revisitada se deu, na reflexão de Orlando Costas, não somente por intermédio de seu labor teológico, mas também de sua práxis ministerial. No primeiro capítulo, analisamos, como em sua trajetória, Costas experimentou uma permanente conversão em direção a uma práxis ministerial que não sorvia mais seus projetos e princípios da herança pastoral que delineou a ação protestante na América Latina. A práxis ministerial de Costas foi um constante processo de ruptura que se revelou essencial para o seu fazer teológico.

Costas reconheceu desde cedo em seu ministério a importância de um processo de migração que a Igreja latino-americana deveria atravessar, libertando-se de uma pastoral de (neo)cristandade, de conservação e manutenção, seguindo em direção a uma pastoral evangelizadora, missionária.

Ainda no primeiro capítulo, enfatizamos como esta dinâmica desembocou em um processo de ressignificações de conceitos e conteúdos teológicos essenciais para a práxis evangelizadora.

Costas estava insatisfeito com a reflexão teológica encharcada pela racionalização e fechada em si mesma. Para ele, ela revelou-se incapaz de uma autocrítica.

Superadas as amarras da racionalidade isolada, desenvolveu uma teologia na “encruzilhada”, uma reflexão que abriu mão dos lugares comuns, das facilidades de transitar pacificamente entre os campos institucionais mesmo que à custa de sua relevância. Uma reflexão teológica que se abriu ao novo e que se projetou sobre novas possibilidades de reflexão e ação. Contribuindo significativamente para que a Igreja reafirmasse sua vocação para o serviço ao mundo.

No segundo capítulo chamamos a atenção para os desafios à evangelização no contexto atual tomando como referência os horizontes cultural, antropológico e sociopolítico.

No âmbito cultural, como consequência do esgotamento da modernidade, a religião se vê incapaz de propagar-se em novos espaços, e de transmitir a fé às novas gerações. Entretanto, a problemática não se concentra somente na comunicação efetiva da revelação no novo horizonte epistemológico. Mas, fundamentalmente, é necessário repensar a própria noção de revelação. Mais do que a transmissão de verdades determinadas, a mesma deve ser concebida como o

ato através do qual Deus se comunica, manifesta sua presença, e por isso não pode manter-se fixada a uma linguagem antiga e “intocável”. Como ocorrido com os primeiros cristãos, a fé cristã, antes de representar a crença em Deus, ou na pregação da igreja, deve consistir em um convite ao seguimento de Jesus.

Uma práxis evangelizadora relevante é multidimensional. Não focaliza apenas o âmbito religioso, o “espiritual”, mas para alcançar todos os seres humanos, em sua totalidade, deve abarcar em seu bojo as variadas dimensões de sua existência. Ou seja, articular-se a partir de uma antropologia integrada.

Esta dimensão antropológica é fundamental para uma teologia que leve em conta a complexidade do humano e por isso contribua para o desenvolvimento de uma práxis integradora. Para uma evangelização que inspire homens e mulheres ao serviço do reino, voltados para o ser humano, encarnados no mundo, inseridos na sua comunidade, transformadores de uma realidade e da sua história.

Com esta proposição nos conectamos ao terceiro horizonte de complexidade que é o sociopolítico. O grande desafio abordado reside na recuperação da linguagem e sentido da libertação presente no *kerygma* do reino de Deus que, baseado na leitura dualista da realidade humana, acaba por centrar-se em uma perspectiva “espiritualizada” que aliena grande parte dos grupos protestantes quanto à responsabilidade social da Igreja.

A teologia de missão desenvolvida por Orlando Costas afirma que o engajamento sociopolítico é parte essencial da missão da Igreja, mas também que a práxis social de uma comunidade eclesial revela a qualidade de sua confissão.

Neste sentido, recuperamos a concepção teológica de que a libertação implica na erradicação de tudo aquilo que tende a oprimir o ser humano.⁵⁸⁸ E já que a dimensão libertadora do evangelho é parte essencial da missão cristã, esta deve ser visível, testemunhal e, portanto, verificável na ação concreta.

A concretude desta missão evidenciou-se na última seção deste capítulo, onde tratamos do contexto como horizonte teologal no pensamento de Costas. Ele nos leva a considerar que não é possível comunicar as boas novas de salvação nas diversas situações de vida, com integridade e integralidade, sem relacionar a essência desta mensagem com a ação divina em todas as esferas da vida humana e

⁵⁸⁸ COSTAS, O. *La Iglesia y su misión evangelizadora*, p. 37.

com a totalidade de seu compromisso e preocupação com o bem-estar de toda criação.

A dimensão contextual da evangelização nos desafia, portanto, a encarnar Cristo em nossa realidade como manifestação da presença transformadora do reino de Deus entre os pecadores e as vítimas do pecado.

No terceiro capítulo, foram realçados os desafios *ad intra* na práxis do protestantismo latino-americano, onde o intento era destacar a relevância atual do tema em sua relação com o crescimento da Igreja, o discipulado missionário e os novos movimentos eclesiais. Nossa proposta foi analisar as contribuições do serviço evangelizador da Igreja como instância de discernimento e ação com vistas ao fortalecimento da própria comunidade evangelizadora.

Em relação ao crescimento da Igreja, devemos afirmar que a maneira como concebemos a evangelização tem como implicação direta a forma como a comunidade de fé se expande. Uma evangelização que se realiza de forma integral e contextual produz, como consequência direta, um crescimento também em perspectiva integral e contextual.

Deste modo, a partir de uma evangelização contextual o critério primeiro e fundamental para a verificação do crescimento da Igreja é teológico. Deus é a realidade que permeia todo ato evangelizador e, portanto, a evangelização possui não somente um contexto histórico, sociocultural, mas também teológico. E como comunidade divina, que deve ser sinal da manifestação do reino e um instrumento na missão do Deus trino, a Igreja precisa crescer demonstrando qualidades que reafirmem a sua natureza trinitária.

Com base na dinâmica trinitária que perfaz sua natureza, evidenciamos que o crescimento da Igreja se evidencia em quatro dimensões. O crescimento quantitativo que tem sua relevância ao garantir a continuidade e expansão da Igreja em missão. O crescimento orgânico que sinaliza para a celebração litúrgica, a organização interna, a mordomia de dons e talentos e a capacitação dos fiéis como partes essenciais e indispensáveis desta missão. O crescimento conceitual que tem sua evidência e objetivo na participação de todos os fiéis na missão da Igreja. E, por fim, o crescimento diaconal que reflete uma comunidade consciente de sua responsabilidade de refletir a presença e relevância do reino de Deus na experiência comunitária de fé e no amor-serviço ao mundo.

Deste modo, é somente por intermédio de um desenvolvimento integral que a Igreja é capaz de superar as mutilações do conceito bíblico de missão, as deformações que têm marcado seu crescimento e a ideologia de cristandade que a tem orientado.

A relação entre a evangelização e o discipulado missionário também foi destacada neste capítulo. Sintetizamos as concepções acerca da missão da Igreja desenvolvidas em três importantes eventos ligados à missão da Igreja, a saber: os Congressos de Lausanne III (2010), ligado ao movimento evangelical, de Edimburgo II (2010), de corte ecumênico, e a V CELAM (2007) promovido pelos católico-romanos. Nosso objetivo foi apresentar a noção de uma Igreja em estado permanente de missão como princípio fundante da missionaridade cristã nos dias atuais.

O último aspecto abordado neste capítulo foi a evangelização e os novos movimentos religiosos que nascem da mentalidade pós-moderna. Questões como o trânsito religioso, o antropocentrismo, o consumo religioso, o neofundamentalismo, entre outras são traços marcantes de uma nova mentalidade religiosa que transborda no atual contexto.

Mas dentre as diversas realidades que se impõe como importante ponto de reflexão nesta (re)configuração do cenário religioso, principalmente nos movimentos de corte neopentecostal, chamamos a atenção para o esvaziamento cristológico.

O que podemos perceber na vida das igrejas é que, no campo da Eclesiologia, presenciamos uma série de “renovações”, na Pneumatologia, testemunhamos uma abertura que, de forma extremada, especialmente no que se refere à Cristologia, está cheia de deficiências. O Cristo que venceu as cadeias das formulações dogmáticas da modernidade e seus desajustes históricos caiu no fosso da diluição doutrinal e da fluidez conceitual da pós-modernidade.

Diante destes desafios, consideramos relevante a proposta de Orlando Costas de uma evangelização que se baseia em uma teologia capaz de articular uma relação dialógica entre a tradição de fé herdada e as novas demandas que afluem no horizonte atual.

Por fim, no quarto capítulo, avaliamos, em primeiro lugar, os desafios da evangelização diante da necessidade da construção de um projeto ecumênico que

favoreça a comunicação da mensagem de fé, além de contribuir para a superação de qualquer forma de proselitismo na ação cristã.

A segunda abordagem recaiu sobre os desafios da inculturação da fé no atual contexto. Deste ponto podemos acentuar que uma pastoral tradicional, voltada para dentro da Igreja, perpetua os processos de exclusão, mantém o “status” das classes privilegiadas, além de gerar a alienação dos fiéis em relação à realidade. Neste sentido, uma ação evangelizadora só encontra sentido na relação da Igreja com o mundo, e na maneira como os agentes evangelizadores se conectam à realidade ao seu redor, não por intermédio de uma relação passiva, mas em uma ação transformadora.

Encerrando o capítulo, refletimos sobre a articulação de uma pastoral propriamente libertadora. Concluímos que a principal conotação de uma teologia relevante é mesmo a libertação do ser humano. O evento Cristo aponta o caráter solidário de Deus para com toda a humanidade; liberta todos os que assumem um compromisso existencial com ele da submissão a morte; bem como revela um Deus atuante, por intermédio de seu Filho, na história humana.

Por fim, podemos destacar que o pensamento de Orlando Costas possui algumas “lacunas” específicas. Além de sua morte prematura, não podemos deixar de lado as delimitações pertinentes a qualquer pensamento, e que se tornam importantes para futuras pesquisas de nossa autoria ou de outros pesquisadores.

Uma primeira observação gira em torno da ênfase que deu, no fim de sua vida, ao ministério direcionado às comunidades hispânicas nos Estados Unidos. Este interesse fez com que deixasse de lado as preocupações pastorais-missiológicas com os outros contextos da realidade latino-americana. Esta lacuna também abre espaço para que outras leituras da teologia pastoral de Costas se processem, levando em conta as especificidades presentes em cada canto do continente latino-americano.

Outro aspecto importante é que uma pastoral evangelizadora que se quer relevante nos dias atuais, segundo Costas, deve dar mais um importante passo em relação à pastoral tradicional, que é a superação das *relações desiguais*. Costas enfatiza com precisão estas desigualdades no âmbito das relações homem-mulher, clero-leigos, as relações de poder que envolvem o Estado e também as classes sociais mais privilegiadas em relação às menos favorecidas. Mas ficam em aberto

outras questões, como por exemplo, o papel da mulher na ministerialidade da Igreja. Neste aspecto sobressai mais em Costas sua herança conservadora, deixando claro que não rompeu de todo com sua origem de formação fundamentalista, e o papel da mulher como agente de mobilização, termo que Costas utiliza para referir-se à função do pastor, não é levado em conta.

Outra questão que também recebe pouca ênfase no pensamento de Costas é a questão da preocupação ecológica como parte integrante de uma ação pastoral que se quer integral e integralizante. Seu projeto de um serviço evangelizador que contempla as múltiplas realidades da vida humana e propõe uma ação integradora da existência humana deve tomar como fundamental a temática da ecologia. Assim, mesmo que tenha ido adiante de seus contemporâneos no que se refere à reflexão teológica, se manteve no mesmo patamar deles no que se refere à ecologia. Talvez a ausência de um aprofundamento neste tema seja mais uma das vítimas de sua morte prematura.

Podemos enfatizar também que o pensamento de Costas reconfigura o lugar dos pobres como sujeitos na missionaridade da Igreja, seja como “receptores” privilegiados da ação evangelizadora ou como agentes importantes no processo de transmissão de uma mensagem encarnada na realidade humana. Ele ressalta que toda ação missionária da Igreja deve ser refletida, desenvolvida de maneira crítica, e, por isso, é necessário refletir a evangelização teologicamente. Mas o que fica como uma questão inconclusa é o papel dos pobres e excluídos como sujeitos deste fazer teológico.

Outro aspecto importante que podemos enfatizar é que a práxis cristã deve experimentar constantes processos de conversão. É nesta caminhada que se torna capaz de manter a atualização de seus projetos e ações, de interagir com maturidade e discernimento com a realidade ao seu redor, e experimentar a permanente novidade da ação do Espírito no interior da comunidade. Estes aspectos são preponderantes para uma práxis evangelizadora que se quer relevante no contexto atual. Mas não podemos levar em conta esta dinâmica de atualização, sem considerarmos o grande risco que a prática pastoral e o exercício da missão sofrem: o de “costurar remendo novo em vestido antigo”.

Ao mesmo tempo em que percebemos o fortalecimento de um renovado itinerário para a pastoral cristã no continente, esta acontece em meio a alguns deslizes e retomadas de um discurso mais fechado no modelo eclesial tradicional.

Concluindo, entendemos que a reflexão de Orlando Costas é parte de um todo complexo, de variadas abordagens e intrincadas questões. Mas não podemos deixar de enfatizar sua importância em desenvolver um método relevante para a práxis cristã na América Latina. A sua contribuição é importante ainda, pois ele não somente assume um método, mas também desenvolve atitudes que favorecem a aplicação do mesmo, de maneira equilibrada e coerente.

Esperamos que nossa tese contribua para que a academia teológica e as comunidades cristãs no continente, bem como em outras partes do mundo, usufruam das reflexões advindas do pensamento de Orlando Costas.